

COMÉDIAS PODEM SER ALTAMENTE FORMAIS OU SOBRE A SELEÇÃO DE TEXTOS*

COMEDIES MAY BE HIGHLY FORMAL OR BASED UPON SELECTION
OF TEXTS

Eliana Pitombo Teixeira
Prof. Assistente (DLET/UEFS)
liapitombo@terra.com.br

RESUMO — *Tomando como ponto de partida dois estudos sobre o uso do pronome você no Português da Bahia no século XIX, a autora mostra o quanto é difícil classificar estilos de fala em textos escritos em tempos pretéritos, e aponta algumas estratégias para a sua identificação.*

PALAVRAS-CHAVE: *Estilo de fala; Formas de tratamento; Pesquisa histórica.*

ABSTRACT — *The goal of this study is to discuss the question of how to select texts in historical linguistic research. By comparing the use of the pronoun “você” in two different types of texts, the article intends to show how hard it is to classify speech styles in written texts, pointing out some ways of identifying them.*

KEY WORDS: *Speech style; Pronouns of address; Historical research.*

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse estudo é discutir a questão da seleção de textos na pesquisa em lingüística histórica, tarefa que, nas minhas buscas em arquivos e bibliotecas, muito me tem inquietado. Tomo como ilustração desse problema dois estudos sobre as formas de tratamento na Bahia, na segunda metade do século XIX.

Pequenas crônicas em forma de diálogo, publicadas no jornal *A Verdadeira Marmota*, entre 1851 e 1852, constituem

* Comunicação apresentada no II Congresso Internacional da Abralin. Fortaleza, 13 a 16 de março de 2001.

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Letras e Artes. Tel./Fax (75) 224-8265 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460.

os dados do primeiro estudo. Nesses textos, o pronome *ocê* é usado categoricamente como forma de tratamento íntimo.

No segundo, cuja fonte de dados é uma comédia – gênero consensualmente considerado pouco formal – observei uma preferência pelo pronome *tu* e um uso muito limitado da forma *ocê*.

A precedência temporal dos textos do primeiro estudo invalida a interpretação de um aumento gradual da forma inovadora (*ocê*), reflexo de uma mudança em curso.

Essas constatações e as aparentes contradições que elas sugerem me levaram a propor uma discussão sobre a definição de estilo e das estratégias para identificá-los e isolar seus diversos níveis em textos escritos em tempos pretéritos.

2 A QUESTÃO DO ESTILO

Estilo de fala e classe social já eram levados em conta nas descrições lingüísticas antes mesmo do advento da Teoria da Variação e Mudança. Nascentes (1953) apontava a tendência à vocalização da consoante / l / em posição pós-vocálica em falantes cariocas da classe “semi-culta”. Já Câmara Jr. (1977) observava essa mesma tendência na “variedade coloquial relaxada” do Rio de Janeiro.

No entanto, a relação entre estilo de fala e mudança lingüística só foi reconhecida a partir do famoso texto de Weinreich, Labov e Herzog (1968). Nos estudos desenvolvidos por Labov (1972), o autor observa que as formas lingüísticas em processo de mudança ocorrem inicialmente no estilo a que ele chama de casual. Quando a forma atinge os contextos mais formais, culminando com sua ocorrência na língua escrita, significa que a mudança já foi completada.

Labov define estilo como a freqüência relativa de traços ou marcas estilísticas. Romaine (1982) observa que “apesar de simplista e mecanicista” esta definição levou à descoberta de uma íntima relação entre a dimensão social das variantes e sua dimensão estilística:

alguns traços mostram movimento em um contínuo que vai do casual ao formal do mesmo modo que num contínuo social, da classe operária para a alta. (ROMAINE, 1982, p. 115).

Para Labov (1972), o maior ou menor grau de atenção dispensado à fala produz padrões estilísticos mais ou menos formais. Desse modo, a questão da identificação do estilo começa com a distinção dos contextos ou situações em que a comunicação se estabelece. Mesmo na situação de entrevista face à face, que normalmente conduz a um estilo mais cuidado, Labov distingue momentos de quebra estilística em direção ao estilo casual correlacionados a fatores tais como tópico da conversa, trocas lingüísticas com uma terceira pessoa, final da entrevista quando o entrevistador demonstra ter encerrado o seu trabalho, mas continua conversando, além de rimas e jogos infantis. Nesses contextos, busca-se evidências de que o falante está usando o estilo casual nas suas modulações vocais: velocidade da fala, risos, ritmo da respiração, entre outras deixas.

Esses critérios de identificação de estilo, quer funcionem ou não, foram naturalmente concebidos para o trabalho com dados de fala, e numa perspectiva sincrônica.

A questão que se coloca é: como identificar o estilo na pesquisa histórica cuja fonte de dados são os registros escritos?

Romaine (1982) propõe e testa uma metodologia para lidar com os fatores extralingüísticos na pesquisa histórica a partir de um estudo sobre marcadores da relativa no escocês médio. A autora levanta a hipótese de que o marcador zero define o estilo informal.

Em linhas gerais, sua proposta é a seguinte:

a) reconstrução de um contínuo estilístico a partir da escolha de textos de gêneros os mais variados;

b) divisão dos textos de acordo com critérios extralingüísticos tais como tópico ou assunto, classe social do interlocutor, função da comunicação;

c) ordenação dessas subseções em um contínuo estilístico baseado na frequência de uso de marcadores da relativa;

d) nova ordenação dessas subseções com base em critérios lingüísticos, como, por exemplo, a complexidade sintática de certas relativas;

e) observação dos achados a fim de verificar se corroboram a hipótese sobre a relação entre uso de marcadores da relativa e nível estilístico.

3 FORMAS DE TRATAMENTO E ESTILO

Considerando que as formas de tratamento constituem ou parecem constituir por si só índices estilísticos, considerar uma ou outra forma como marcadora de um estilo mais ou menos formal poderia parecer um procedimento circular, na medida em que o que estamos buscando determinar são, exatamente, os valores dessas formas para identificar os estilos, valores suscetíveis de mudanças ao longo do tempo ao sabor das variáveis sociais e ideológicas. Mais do que qualquer outro traço lingüístico, os pronomes, por causa do significado social da referência pessoal, refletem mais transparentemente essas mudanças. Por exemplo, no Brasil, durante os períodos colonial, imperial e republicano, o pronome *você* foi uma forma de cortesia, um pronome depreciativo, uma forma de tratamento íntimo e até mesmo, mais recentemente, uma forma de indeterminação do sujeito. Com isso não estou afirmando que a cada período histórico corresponda um significado diferente. Ao contrário, observa-se, durante extensos períodos de tempo, a co-ocorrência de formas diferentes com o mesmo significado ou de uma mesma forma com significados distintos. Este fenômeno, obviamente, não se restringe à questão das formas de tratamento. É sim, um fenômeno típico da natureza própria da mudança lingüística – a gradualidade da difusão da nova variante na comunidade¹ – mas que transparece mais exacerbadamente no uso dos pronomes pessoais por serem estes definidores de hierarquias sociais mais finas. As sentenças abaixo, retiradas de um texto de 1846², ilustram a questão:

1. Você?!... quem é o senhor para tratar-me por você? – eu sou tão livre como o senhor!

2. Mariquinha – disse uma delas – você conhece aquele moço?

3. Poderei convir em parte no que dizes, Mariquinha [...].

A sentença 1 exemplifica uma relação assimétrica em que um interlocutor de uma classe superior dirige-se a outro de classe inferior. Note-se a veemência com que esse último reclama da forma como é tratado. As sentenças 2 e 3 são emitidas por uma mesma pessoa (a jovem Rita) dirigindo-se

a sua amiga Mariquinha, o que demonstra ser o pronome *você*, tal como *tu*, uma forma de tratamento íntimo nas relações intraclasse.

É Faraco (1996) que nos dá a pista sobre a introdução do pronome *você* no Brasil. O autor sugere que os colonos que vieram para o Brasil a partir da segunda metade do século XVI teriam difundido *Vossa Mercê* e suas variantes como forma de tratamento respeitoso. Em Portugal, *Vossa Mercê* era usado para o tratamento do rei no século XIV. Com a ascensão social e política da aristocracia, a forma começa a ser usada para tratamento de nobres e, já desgastada, circunscreve-se à população não-aristocrática, classe a que pertencia a maioria dos portugueses que vieram colonizar o Brasil.

Apesar de timidamente, o pronome *você* é documentado no século XVII nos poemas de Gregório da Mattos. Na edição promovida por Amado (1999), Miécio Tati anota que *você* (grafado *vossé* no manuscrito) é ainda tratamento cerimonioso. No entanto, o seu uso limitado e os contextos em que ocorrem me levaram a interpretá-lo como pronome depreciativo.³

Santos Luz oferece uma explicação convincente para o desgaste constante das formas de tratamento cortesões. Diz a autora:

... as fórmulas de tratamento cortesões são expressivas, por vezes exageradas, e o valor expressivo das palavras atenua-se rapidamente pelo uso freqüente que delas se faz. Assim, não causa admiração que a linguagem cortês se renove mais depressa que qualquer outra. (SANTOS LUZ. 1956, p. 271).

Tratamento cortês significa tratamento formal, mas tratamento formal (no sentido do uso de formas cortesões de tratamento) nem sempre é um índice de formalidade da fala. Tome-se por exemplo o fato de, em tempos não muito remotos, ser comum os cônjuges da classe alta se tratarem por *vós*. Seria o uso de *vós* um índice de formalidade das relações entre marido e mulher ou tão somente um costume de uma época e de certo grupo social? Deve-se também atentar para o fato de que o que é considerado formal em uma época não o é necessariamente em outra. Fatos como esses exigem um cuidado redobrado na identificação do estilo na pesquisa diacrônica sobre as formas

de tratamento. Daí a dificuldade que senti em identificar o estilo utilizado em cada sentença individual nos dados que recolhi para o estudo das formas de tratamento. Decidi, então, não codificar as sentenças quanto ao fator estilo. Admitindo como válido o achado de Labov de que uma variável socialmente diagnóstica será também estilisticamente diagnóstica e considerando a gênese popular da forma *você* e o seu uso restrito em textos literários do século XIX, levanto a hipótese de que os textos que apresentam altas frequências do pronome *você* devem ser classificados como [-formais]. Entretanto, para não correr o risco de usar um argumento circular, fui buscar nesses textos evidências extralingüísticas tais como a presença de personagens das classes populares (no caso de textos literários), a classe social e grau de letramento do escritor, a função da comunicação e as características do veículo de comunicação. Evidências lingüísticas como o uso de gírias e da expressão *a gente* como forma pronominal, entre outras, também foram consideradas. Desse modo, uni o achado de Labov (1972) aos ensinamentos de Romaine (1982).

4 À COMÉDIA, ENFIM

Com a finalidade de testar essa hipótese, selecionei um conjunto de textos escritos pelo jornalista Próspero Diniz, publicados no jornal baiano *A Verdadeira Marmota*, entre 1851 e 1852. Pelas características do periódico – populista e satírico – e pelo perfil de seu editor/redator⁴ – crítico e irreverente – intuí estar diante de um estilo informal.

Os textos são pequenas crônicas em forma de diálogo entre personagens das classes média e baixa e versam sobre assuntos do cotidiano. As sentenças abaixo servem de ilustração:

4. Tratando agora de nossos negócios, como vai você com o seo noivo? (1852, n.107, p.2).

5.Você levou bordoadas? (1851, nº 37, p. 2).

No conjunto de textos, a forma de tratamento é *você*. Há uma única ocorrência da forma verbal correspondente a *tu* na sentença imperativa que transcrevo abaixo:

6. Aquieta, menina!

O fator que apresenta resultados mais interessantes é o sexo dos interlocutores. Entre pessoas do mesmo sexo a forma de tratamento íntimo é *você*, pronome nunca usado entre pessoas de sexo diferente. Nesse caso, homens e mulheres da classe baixa usam *Senhor/Senhora*, enquanto na classe média a forma usada entre sexos diferentes é *Vossa Mercê*. No tratamento respeitoso entre mulheres dessa mesma classe (filha dirigindo-se à mãe, por exemplo) usa-se *Senhora*.

Selecionei também um texto de 1870, uma comédia do escritor baiano Augusto Pinto Paca.

Nesse texto, há um número maior de relações assimétricas (amos X criada) e aparecem personagens da classe alta. Observei uma predominância da forma verbal correspondente a *tu* para o tratamento íntimo (o pronome é sempre nulo) e apenas sete ocorrências de *você*. No tratamento respeitoso, usa-se *Senhor/Senhora*. Não há nenhuma ocorrência de *Vossa Mercê*. Eis alguns exemplos:

7. (Agrepina a Matheus): Mas você cometeu um crime, matou um homem. (p.23).

8. (Matheus a Agrepina): Poder-me-has dar um cálice de cognac? (p.23).

9. (Agrepina a Matheus): Minha ama encarregou-me de convidar-te para residires aqui. (p.29).

Agrepina e Matheus são namorados, portanto se tratam informalmente. Observa-se variação entre *tu* e *você* quando Agrepina se dirige a Matheus. Contudo, a frequência de uso de *tu* é muito maior. Matheus nunca se dirige a Agrepina usando *você*. Essa forma é usada por interlocutores do sexo masculino, numa relação assimétrica, de superior para inferior.

Comparando os textos, percebe-se que o pronome *você* foi, durante um período do século XIX, uma forma de tratamento íntimo, usada inicialmente por pessoas do mesmo sexo, como também uma forma de tratamento depreciativo. No texto de 1870, verifica-se uma expansão dos contextos em que é usado: mulheres dirigindo-se a homens. No entanto, além do retrocesso quantitativo, os homens não o utilizam como forma de tratamento íntimo. Pergunto, então: como uma forma usada categoricamente por pessoas do mesmo sexo no início dos anos 1850 tem um uso tão limitado 20 anos depois.

5 CONCLUSÃO

A comparação da frequência e dos contextos de uso do pronome *você* como forma de tratamento íntimo nos dois textos analisados permitiu chegar às seguintes conclusões:

a) a forma de tratamento *você* usada apenas entre pessoas do mesmo sexo nos textos de 1851 e 1852 passa a ser usada, mesmo que timidamente, por mulheres dirigindo-se a homens no texto de 1870;

b) há uma correlação entre o uso de *você* e a classe social do personagem (classes baixa e média);

c) se a classe social, como sugere Labov, correlaciona-se com o estilo, então o conjunto de textos de 1851 e 1852 é mais informal do que o de 1870;

d) considerando que o texto de 1870 é uma comédia, concluímos não ser tal gênero tão informal quanto se tem afirmado. Dito de outra forma: COMÉDIAS PODEM SER ALTAMENTE FORMAIS.

NOTAS

¹ Sobre gradualismo na mudança cf. Lightfoot, 1999.

² Trata-se da novela de Ambrósio Ronzi “Cena da Vida Baiana”, publicada no jornal literário *O Crepúsculo*.

³ Localizei em sua extensa obra mais de duas dezenas de poemas em que o pronome *você* é usado. São todos eles sátiras dirigidas

ao baixo clero, a prostitutas e ao governador Câmara Coutinho. O poeta retrata satiricamente a figura do governador, um grande desafeto seu: “Você perdoe,/nariz nefando,/que eu vou cortando,/ e inda fica nariz,/ em que se assoe.” (p.184)

⁴ Sobre a personalidade do escritor, cf. Blake, 1883-1902, vol. 7. p. 83-4.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. (Ed.) **Gregório de Matos**. Crônica do viver baiano seiscentista. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1999.

BLAKE, A. V. A. S. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional e Imprensa Nacional, 1883-1920.

CÂMARA JR., J.M. **Para o estudo de fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

FARACO, C.A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. **Fragmenta**, Curitiba, v.13, p.51-82, 1996.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia. University of Pennsylvania Press, 1972.

LIGHTFOOT, D. **The development of language**: aquisition, change and evolution. London: Blackwell Publishers, 1999.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

PACA, A. P. **Não há prós sem precalços**. Bahia: Typografia de Francisco Felix, 1870.

ROMAINE, S. **Socio-historical linguistics**: its status and methodology. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

SANTOS LUZ, M. Fórmulas de tratamento no português arcaico (subsídios para o seu estudo). **Revista Portuguesa de Filologia**, Coimbra, v.3. n.1/2, p.251-363, 1956.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In W. LEHMANN; Y. MALKIEL (Ed.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968.